

MELANCOLIA, MORTE E TRANSGRESSÃO EM *MINHA MÃE SE MATOU SEM DIZER ADEUS* DE EVANDRO AFFONSO FERREIRA

MELANCHOLY, DEATH AND TRANSGRESSION IN *MY MOTHER KILLED HERSELF WITHOUT SAYING GOODBYE* BY EVANDO AFFONSO FERREIRA

Mônica Cardoso Silva¹

Diógenes Buenos Aires de Carvalho²

RESUMO

*A relação entre narratividade e imaginário é fundamental para a compreensão da forma como construímos e interpretamos as histórias que permeiam nossa vida e a sociedade. A narratividade diz respeito a capacidade de contar e interpretar histórias, de dar significado aos eventos por meio de narrativas. Esse artigo propõe algumas reflexões sobre o romance *Minha mãe se matou sem dizer adeus* de Evandro Affonso Ferreira, procurando estabelecer relações entre os temas da melancolia, morte e transgressão através da escrita literária. Permeada pela singularidade do “eu” incorporado na figura do narrador e no tratamento dado ao tema, velho aguarda sua morte iminente e insiste na afirmação de que o ato da escrita é o que lhe impede de seguir os passos da mãe. Afirma o narrador que escreve para não endoidecer, para diminuir o impacto da chegada da morte. No entanto, conforme nos aproximamos do desfecho, essa função parece ser reinterpretada. Auxiliam na fundamentação teórica as reflexões propostas por Carvalho (2010,) Forster (1927), Freud (2011), Tofaline (2013) e outros.*

PALAVRAS-CHAVE: *Melancolia; Escrita; Transgressão*

ABSTRACT

The relationship between narrativity and the imaginary is fundamental to understanding how we construct and interpret the stories that permeate our lives and society. Narrativity concerns the ability to tell and interpret stories, to give meaning to events

¹ Doutoranda do Programa de Pós graduação da Universidade Federal do Piauí (PPGEL- UFPI). Professora da Educação Básica do Estado do Piauí- BRASIL. monicaisame@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9838-1363>

² Doutor em Letras (PUCRS/CAPES). Pós-Doutorado (PNPD/CAPES). Professor da Universidade Estadual do Piauí, Programa de Pós-graduação(PPGL) e Professor convidado (PPGEL/UFPI).
diogenesbuenos@ccm.uespi.br <https://orcid.org/0000-0002-1593-4952>

through narratives. This article proposes some reflections on the novel *Minha mãe se matou sem dizer adeus* by Evandro Affonso Ferreira, seeking to establish relationships between the themes of melancholy, death and transgression through literary writing. Permeated by the singularity of the “I” embodied in the figure of the narrator and in the treatment given to the theme, an old man awaits his imminent death and insists on the affirmation that the act of writing is what prevents him from following in his mother’s footsteps. The narrator states that he writes so as not to go crazy, to lessen the impact of the arrival of death. However, as we approach the outcome, this function seems to be reinterpreted. The reflections proposed by Carvalho (2010,) Forster (1927), Freud (2011), Tofaline (2013) and others help in the theoretical foundation.

KEYWORDS: Melancholy; Writing; Transgression

INTRODUÇÃO

A relação entre narratividade e imaginário é fundamental para a compreensão da forma como construímos e interpretamos as histórias que permeiam nossa vida e a sociedade. A narratividade diz respeito a capacidade de contar e interpretar histórias, de dar significado aos eventos por meio de narrativas.

Evandro Affonso Ferreira, apresenta uma narrativa permeada pela singularidade do “eu” incorporado na figura do narrador e no tratamento dado ao tema. Em *Minha mãe se matou sem dizer adeus*, temos um monólogo de um homem cujo nome desconhecemos, o autor apresenta o protagonista sentado em uma confeitaria escrevendo um possível livro que justifica sua existência melancólica.

Elementos da tragédia tais como a ganância, ingratidão fazem com que a história mantenha um vínculo com um dos elementos da estrutura dos grandes fenômenos clássicos: o destino, cuja ação resulta numa tênue consciência da falibilidade humana e num pessimismo constante. O octogenário, narrador personagem do enredo, vê a vida passar e espera a morte, enquanto relembra acontecimentos de sua infância como o suicídio da mãe, uma artista fracassada, que aparece na trama com as características de bêbada e louca, mas com que ele mantinha um forte laço.

Telepaticamente, o velho decrépito conversa com outros frequentadores da confeitaria e, justifica sua existência melancólica escrevendo um livro que talvez jamais seja publicado. O destino trágico da personagem, é constituído por uma engrenagem formada por duas peças, ambas mediadas pela insana e prosaica luta pela sobrevivência cotidiana: a solidão e a imarcescível saudade de alguma coisa que não viveu.

O personagem-escritor sempre se sentiu deslocado e isso o leva ao estado de melancolia, um pessimismo que logo se transforma num importante componente de sua psicologia, fator decisivo da transgressão desestruturada do “eu”.

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição (FREUD, 2011, p. 28)

Sua infância foi conturbada, não tinha amigos, seu pai não era amável e o único afeto que mantinha, de certa forma, era com sua mãe. Sentimentos como: pessimismo, deslocamento, saudade, solidão, niilismo, não são mais do que sintomas profundos de suas experiências que, em conjunto, perfazem não apenas o perfil psicológico, mas também conformam grande parte de sua poética: a morte e a melancolia.

Esse artigo propõe algumas reflexões sobre o romance *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2014), procurando estabelecer relações entre os temas melancolia, morte e transgressão através da escrita literária. Ganhador do Prêmio APCA 2010 (Associação Paulista de Críticos de Arte), Evandro Affonso Ferreira traz em suas obras uma forte marca da intertextualidade, a presença de um diálogo (in)tenso e dialético com diversos autores e outras artes e uma relação com a filosofia.

O ser melancólico e transgressão do eu

A melancolia tem intrigado muitos escritores, filósofos e pensadores ao longo do tempo. Várias são as referências de suas manifestações. Em *Ulisses*, Homero (sec. VIII a.C) fala da tristeza e do dilaceramento emocional de Penélope, enquanto espera pelo retorno de seu amado. Em Goethe, vemos o jovem Werther sucumbir a melancolia diante da perda de sua paixão e em a *Terceira margem do rio* de Guimarães Rosa o escritor vai ao ápice de sua inspiração para exibir a dor da perda e suas consequentes sombrias manifestações:

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o

demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrenguice de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. (ROSA, 2015, p. 3).

A origem da palavra melancolia, vem do grego *melas* (negro) e *kholé* (bile) e um dos primeiros a tratar sobre foi Hipócrates, com sua teoria dos quatro humores. Para o pai da medicina, esse sentimento seria a penas uma questão do excesso de bile negra, uma substância cujo excesso, segundo sua teoria humoral, causa a melancolia. Para o médico, quando possuídas pela bile negra, as pessoas perdem o controle da própria mente e se tornam irreconhecíveis, perigosas até para quem amam.

Para os gregos antigos, melancolia não era apenas uma doença. Platão distinguia duas formas de loucura: uma resultante de doença, outra de influências divinas; poderia ocorreria o mesmo com a melancolia, como sugere uma famosa passagem de Aristóteles, o Problema XXX: —Por que razão todos os que foram homens de exceção no que concerne à filosofia, à poesia ou às artes, são manifestamente melancólicos?

Consoante Freud (2011), a melancolia, muito além de um quadro clínico bem definido e a ser diferenciado dos episódios depressivos variados que dão notícias de nosso trabalho de luto cotidiano, é uma noção que traz à tona algo fundamental ao humano, às suas paixões. E à Cultura. Disso já dava notícias a concepção de melancolia surgida na Grécia antiga e suas derivações ao longo da história ocidental até as vésperas, digamos, do surgimento da psicanálise.

Através da noção de identificação narcísica, Freud põe a melancolia como parte do Eu identificada ao objeto perdido e se torna a própria perda em si. O octogenário narrador, vê-se identificado com a mãe como se mantivesse identificado o próprio eu. Com a partida da figura materna, a melancolia toma conta do seu ser e ele busca nas palavras uma rota de fuga para “não cortar a teia da própria vida.” (FERREIRA, 2014, p. 04)

A arte não nos poupa as impressões mais dolorosas, e, no entanto, pode ser vivida como um deleite superior entre dor e deleite, de fato - entre luto e melancolia, se quisermos - se trama em nossa vida alguma "verdade" e alguma beleza. (FREUD, 2011, p. 77)

De acordo com o pai da psicanálise, a melancolia é um estado psicológico caracterizado por um profundo sentimento de tristeza, desesperança e autocrítica, muitas

vezes acompanhada por sentimento de culpa e perda. “O melancólico nos mostra ainda algo que falta no luto: um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de autoestima, um enorme empobrecimento do ego.” (FREUD, 2011, p. 30).

Em *As margens da ficção* Jacques Rancière (2021), examina a ficção moderna, que se voltou para os seres e a situações triviais antes situados nas beiradas da representação. O pensador francês, propõe uma reflexão sobre o poder da imaginação, da criatividade e da narrativa na construção de novos horizontes de possibilidades e na ampliação dos limites do pensamento. Argumenta que a ficção não apenas reflete a realidade, mas também a transforma ao desestabilizar as categorias estabelecidas e ao abrir espaço para novas formas de pensar e agir.

A ficção, portando, seria a ferramenta responsável pela desordenação das partilhas do sensível, de forma que a alteração de uma cosmologia ficcional altera a própria cosmologia social, altera as relações entre conceito e realidade, entre parecer e ser. Para Rancière, a ficção, especialmente a ficção do regime estético, também tem um poder de transgressão.

No enredo de *Minha mãe se matou sem dizer adeus*, o narrador personagem traz temas fraturantes como a questão da desesperança, da melancolia e da morte que se fazem presente, de uma certa forma, lírica, trazendo reflexões acerca da nossa própria existência e subvertendo o modo tradicional de contar histórias.

Para Freud (2010), a patologia nos apresenta um grande número de estados em que a delimitação do Eu ante o mundo externo se torna problemática, os componentes da vida nos surgem como alheios e não pertencentes ao Eu, “logo, também o sentimento do Eu está sujeito a transtornos, e as fronteiras do Eu não são permanentes.” (FREUD, 2010, p. 17)

O estado da patologia melancólica do personagem é verbalizado em várias partes do texto: melancólico, medroso, medíocre (FERREIRA, 2014, p. 5); um pouco mais adiante: Sou vítima de espécie rara de melancolia árida; Ninguém percebe: melancolia excessiva impede a progressão do pranto (FERREIRA, 2010, p. 19); Sou introspectivo. Melancólico. Vivo de viés. (p. 20); Tempo-personalizado; tempo-melancolia (p. 31); O domingo continua chuvoso. Melancólico... eu e meus vocábulos e minha melancolia (p. 36); A melancolia é prodiga de nebulosidade (p. 38); Ela minha melancolia parece que não encontra mais espaço. Sou melancólico in totum

(p. 42); a melancolia vai arrastando à semelhança dela (p. 47). Nasci melancólico talvez (p. 50).

Para além desses tantos exemplos, ele chega a fazer pelo menos duas referências consideravelmente explícitas ao ensaio *Luto e melancolia* (2011), de Freud. Em uma delas, ele faz menção ao “judeu psicanalista de Viena – este que escreveu interessante texto falando do luto falando da melancolia” (FERREIRA, 2014, p.50). E, pouco adiante: “Vida toda saudade impediu a completude do luto; tristeza impossibilitou o destronamento da melancolia – que permanece excessiva provocando delírio talvez.” (FERREIRA, 2014, p. 63).

A presença de Freud é entendida, já que a situação apresentada é propícia para se recorrer às reflexões freudianas, transformando o texto numa espécie de realização ficcional. Em sua obra, Freud faz um estudo sobre a melancolia diferenciando-a do luto em relação ao objeto perdido.

Na melancolia, o eu se revolta contra a perda, em vez de engatar um trabalho de luto através do qual possa a ela se *conformar*, identifica-se maciçamente ao objeto perdido, a ponto de se deixar perder junto com ele. Tal rebelião é o cerne da melancolia e pode se instalar como uma "ferida aberta" que suga a libido e dolorosamente empobrece o eu. (FREUD, 2011, p 71).

Ferreira (2014), constrói sua narrativa através de um personagem que transgrede os padrões romântico burguês e traz, uma carga trágica para seu texto, uma vez que o narrador-escritor se estrutura pela sua complexidade emocional e psicológica com motivações, desejos e conflitos internos complexos. Suas emoções podem ser contraditórias e profundas, refletindo uma gama mais ampla de sentimentos humanos.

Quase oitenta anos vendo tudo-todos pelas fendas da tibieza. Sou do signo da dubiedade. Vinda inútil: vim vi perdi; não sou melancólico por obra do acaso; aperfeiçoei-me no desconsolo. Vida me trouxe tristeza tempo todo. (FERREIRA, 2014, p. 8)

Em *Aspecto do romance* (1927), E.M. Forster discorre a respeito do que ele considera como parte essencial de um romance, principalmente aos estudos de personagens. Forster, encarava uma obra narrativa como um sistema, sendo as personagens, chamadas pelo autor de *Homo fictus*, os seres de linguagem que do

sistema são parte fundamental e divide as personagens segundo a complexidade que apresentam em planas e redondas.

As personagens planas eram chamadas temperamentos (humours) no século XVII, e são por vezes chamadas tipos, por vezes caricaturas. Na sua forma mais pura, são construídas em torno de uma única idéia ou qualidade; quando há mais de um fator neles, temos um começo de curva em direção à esfera. (FORSTER, 1927, p.66)

Para o romancista britânico, as personagens planas são agradáveis ao apreciador da obra narrativa, conseguindo a adesão afetiva e intelectual do mesmo, de maneira praticamente imediata, por serem familiares a ele, facilmente reconhecíveis e previsíveis. quando na personagem plana existe mais de um fator, atinge-se o início da curva que a leva para à personagem redonda.

As personagens redondas (ou esféricas), em oposição às planas, são seres fictícios de alta complexidade. São dotadas de uma identidade própria, apresentando uma diversidade considerável de características, tão variadas e distintas que dificultam sua associação a uma única ideia específica, ainda que possam pertencer a um tipo social, apresentar qualidades e valores predominantes ou até mesmo características exageradas.

São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano. Personagens redondas representam indivíduos, seres únicos. Possuidoras de uma personalidade elaborada — o que as torna um tanto quanto imprevisíveis — estas personagens apresentam comportamentos muitas vezes inesperados. (BRAIT, 2004, p. 41).

Em Ferreira (2104), presenciamos a maciça presença do personagem redondo, formalizada pelo crítico literário britânico E.M. Forster (1927), que influenciou autores e estudiosos a explorar a psicologia e a profundidade dos personagens em suas obras. A personagem na narrativa, carrega um tipo de tristeza, com sintomatologia similar, caracterizada pela transfiguração do sujeito que, em seus primórdios, sofreu perdas e não conseguiu cumprir todo o ritual de luto, terminando na desintegração do sujeito, aflito pela tristeza e pelo desconforto de um contexto social e histórico massacrante.

Os motivos que ocasionam a melancolia ultrapassam na maioria das vezes o claro acontecimento da perda por morte e abrangem todas as

situações de ofensa, desprezo e decepção através das quais pode penetrar na relação uma oposição de amor e ódio ou pode ser reforçada uma ambivalência já existente. (FREUD, 2011, p. 33).

O contexto triste de sua existência, transporta o velho já decrépito, para lembranças mais factuais relacionadas ao suicídio da mãe, muitas memórias do narrador também se desdobram em reflexões que consistem na sua identificação com a figura materna: era assim feito eu: desajeitada. Viemos ao mundo por descuido Viemos ao mundo por descuido” (FERREIRA, 2014, p. 13); Triste também. Desajustada também; feito eu” (p. 14); “Hoje sei que sua vida também era invisível feito eu” (p. 16).

O trauma causado ao narrador dá-se não pelo fato de a mãe ter cometido suicídio, já que pelas características e contextos abordados, esse parecia realmente ser a solução para o sofrimento dela. O que o deixa nesse estado letárgica melancolia é justamente o fato de a mãe não ter se despedido. “Ficaria menos triste se ela minha mãe tivesse deixado pelo menos um bilhete elíptico com apenas três vocábulos: perdão preciso partir.” (FERREIRA, 2014, p. 18).

Ressalta-se que o narrador, não teme a morte, inclusive a espera, já que está velho, decadente e não teve uma vida de grandes acontecimentos, tem consciência da finitude e passa a escrever construindo micronarrativas sobre sua vida.

São, afinal, esses “pedaços” de existência – em geral, situados no passado e resgatados no presente, pela recordação – que dão sentido à vida do narrador-protagonista, resultando, estruturalmente, numa narrativa circular, que vai e volta sempre ao mesmo lugar, circularidade reforçada pelos refrãos que compõem o discurso do narrador: “são as surpresas da vida”, “ela virá eu sei”, “aquela que levantou âncora”, “somos todos igualmente miseráveis. (SILVA, 2017, p. 80).

Toda narrativa é marcada, no plano formal, pela transgressão e, no plano do conteúdo, pela funda reflexão sobre o sujeito e sua condição no mundo contemporâneo, mesmo que essa reflexão se traduza em solidão, angústia, abandono, saudade, melancolia como o caso do protagonista-escritor. A transgressão é a marca mais presente em toda produção.

[...] pensada como fábrica de transgressões, a literatura é uma construção, ao mesmo tempo histórica e imediatamente contemporânea. O novo pertence a um reservatório de sinais literários que podem surgir em qualquer momento para marcar a diferença entre o passado e o presente, compreendido como estágios de negócios literários. O novo é uma estrutura de mediação que dialetiza a situação de formas e de ideias a fim de introduzir ali sua diferença. A transgressão é, assim, uma força de mudança da matéria literária através do aparecimento de novas estruturas. (KRYSSINSKI, 2007, p. XXXVI).

Essa transgressão em Ferreira (2014), é dada pela fragmentação obsessiva do sujeito, com implicações em sua própria identidade, da qual o estado melancólico é os indícios mais contundentes e manifesto.

A salvação ou morte pela escrita?

Sentado à mesa de uma confeitaria, o narrador escreve digressões aleatórias rememorando fatos e acontecimentos como: sua infância, relações pouco afetivas com o pai, brincadeiras esporádicas com a mãe, diálogos com sua “amiga filósofa” cuja mãe também cometeu suicídio, no entanto, diferente da sua, deixou uma carta de despedida. A melancolia e a morte permeiam todo enredo. Embora o octogenário tenha consciência que sua finitude se aproxima ele pensa tentar despistá-la através da escrita de seu livro-despedida.

O reconhecimento da velhice pela escrita é o reconhecimento de uma finitude, que não se concretiza e se lança sempre a um adiamento da concretude, e esse adiamento estabelece o eterno retorno – sobre si, sobre a escrita. Se o único futuro com a sua idade é o fim, só lhe resta ficar voltado para trás, recolhendo os cacos, escrevendo continuamente.

A palavra arrefece o desejo de cortar a teia da própria vida. Por outro lado, amplia minha visualidade diante da crueza dela nossa existência. Vocábulo-grande-angular; o verbo é minha fonte de luz monocromática de grande intensidade: perfura num átimo o mais denso de todos os possíveis nevoeiros. (FERREIRA, 2014, p. 47)

O narrador octogenário encontra na literatura uma forma de não sucumbir às ruínas da finitude, porquanto nutre alguma esperança somente porque ainda lhe é concedida a licença para escrever. A escrita assume uma dimensão existencial, equivalente ou até mesmo superior à vida: a experiência pela literatura está sempre

além, permite que pela reinvenção e pela imaginação ainda seja possível encontrar novos caminhos e significados para viver.

Em sua mesa-mirante, o personagem-escritor se refugia nas palavras e mantém com elas uma relação íntima percebida por um certo acento da narrativa. O espaço é inconclusivo tendo em vista que só sabemos que o narrador escreve sentado à mesa de uma confeitaria. Todavia, Tofalini (2013), declara que na modalidade lírica, o espaço também possui função importante como expressão de sentimentos.

O caráter estático do espaço físico, apresentando-se como se fosse uma pintura [...], somado à carga sentimental da área interna, composta pela angústia, pelo medo, pela perspectiva da morte e pelo mistério, transforma-se em terreno fecundo para o fluir do lírico (TOFALINI, 2013, p. 109).

Quanto à categoria de tempo também não há um detalhamento em nível mimético, todavia, algumas características contribuem para a elaboração dessa categoria como a marca imperativa é a presentificação percebida através de ações com verbos no presente do indicativo. "Estamos no quintal. Ele corta sem jeito meu cabelo. Tenho dez anos se tanto. Trabalho amador: fiquei com aparência ridícula. Afirma cínico: se reclamar apanha." (FERREIRA, 2014, p. 47)

Há ainda traços da presentificação no momento em que ocorre a narrativa uma manhã chuvosa de domingo percebida logo no início do romance, o qual ele alude ao seu presente em termos de uma "manhã que se estatuou manhã de minutos imóveis – os segundos não dão sinal de vida sequer piscando; tempo-estaca fincado no chão de concreto" (FERREIRA, 2014, p. 4), palavras que apontam para certa imobilidade do tempo ("estatuou", "minutos imóveis", "tempo-estaca fincado").

A fusão dos tempos passado, presente e futuro presentifica na mente humana todos os acontecimentos, sentimentos e pensamentos componentes do existir. Por isso, quando o 'eu' recorda a experiência passada, esse vivido não se manifesta exatamente como aconteceu, e a imaginação pode interferir, criando-se, portanto, um clima propício para a eclosão da lírica (TOFALINI, 2013, p. 101).

Os episódios rememorados nos remetem à infância do narrador, tendo como evento principal a morte de sua mãe, haja vista que as lembranças se iniciam pouco

antes da sua morte, e finalizam poucos anos depois. Essa é a provável justificativa para a seguinte afirmação: “Não me lembro de minha juventude: velho o tempo todo” (FERREIRA, 2014, p. 16). Esse trecho parece afixar a impressão de mobilidade temporal no episódio traumático da infância, fazendo com que as memórias de sua juventude e vida adulta tenham sido obliteradas.

A fabulação da vida e da literatura sendo tecidas como um único fio pelo trabalho da linguagem surge como uma temática recorrente nos romances de Evandro Affonso Ferreira e deixa entrever personagens que vivem uma existência límbica, no limar impreciso entre a ação e o nada, entre a vida e a morte, entre a lembrança/memória e a ausência, entre poder ser e poder não ser: daí, surge um narrador-escritor-melancólico octogenário que (in)tenta, diante da frustração do suicídio de sua mãe e do trabalho do luto, escrever um romance que tenha início, meio e fim como alternativa para não cortar a teia da própria vida. (SILVA, 2021, p.93).

O personagem-escritor solitário é exposto na infância, à fragilidade da vida marcada por traumas, ausências, silêncios, desesperanças, amarguras, emudecidas pela sua própria condição existencial, e esse é o motivo pelo qual ele busca encerrar essas rasuras pela linguagem na tentativa de se livrar “[...] do trauma de existir, do trauma do sofrimento. Se a linguagem é por excelência a matéria prima da literatura, é por meio dela que iremos sobreviver e viver” (TORTELLO CAIUBY, 2017, p. 178).

Observa-se que na narrativa, o teor poético vem ao socorro da prosa já que uma linguagem mais clara e objetiva não daria conta do que se pretende narrar/expressar. Trata-se de um tipo de narrativa que desce aos abismos mais profundos do eu – abismos que, muitas vezes, só podem ser tocados por uma linguagem que se transmuta em poesia. Nessas profundidades alarmantes, não raro se encontrará a predominância do sentimento de angústia, mas, nesse caso, sobressai o sentimento de melancolia.

A escrita ocupa um lugar privilegiado na narrativa, como ancoradouro resguarda um lugar em que ainda se pode resistir e não se entregar ao aniquilamento da vida e, na melhor das possibilidades, afastar a morte. No entanto, o narrador percebe, através desse mesmo ancoradouro da escrita que, fora dela, já não há mais uma vida sendo vivida: Vivo à distância. Recluso nesta mesa-mirante anoto vidas esquecendo-me de viver” (FERREIRA, 2014, p. 19).

Percebemos que no jogo entre a morte, que virá a qualquer momento, e a âncora da escrita, o ato de escrever aponta precisamente para um esforço de

sobrevivência. O movimento do escrever, tomado como uma ação permite que o narrador transgrida os limites impostos pela velhice, pela existência inquietante, resultado da melancolia e, principalmente, os limites da linguagem.

Sei ocupar-me de palavras; ao lado deles vocábulos sou escritor infante em playground. Às vezes penso que nasci apenas para escrever; não nasci para viver, escondo-me atrás das palavras. O verbo é minha trincheira; estou sempre de sobreaviso; preparado para ataques súbitos dele meu Duplo eternamente ali de tocaia do lado de fora do vocábulo. (FERREIRA, 2014, p. 19).

O narrador demonstra, em diversas passagens, uma insistência de que a palavra é seu salva-vidas, é ela quem o impede de cortar a teia da vida. Há uma adjetivação constante, em meio a suas divagações, do substantivo “vocábulo”, recorrendo a um campo semântico que dá a ideia de proteção, refúgio e conforto, como em: “o vocábulo é minha âncora” (FERREIRA, 2014, p. 4).

Escrever tornar-se-ia um reduto para abrigar a pessoa com ideias ou intenções suicidas, procurando dissuadi-la de dar cabo da própria vida. Bermam (1999), relata caso semelhante da poetisa Anne Sexton, que começou a exercitar a escrita criativa como terapia por sugestão de seu analista, depois de uma tentativa malsucedida de suicídio.

Um outro fato que também nos leva a pensar na ideia de suicídio da personagem, é que, na maior parte da narrativa, os episódios de rememoração e conversas telepáticas com os clientes da confeitaria se inicia com: é domingo. Há também outras repetições como a palavra morte e / ou morrer; ainda não vou cortar a teia da própria vida, dentre outras.

A repetição para Carvalho (2010), é uma das marcas ambíguas da “palavra do deprimido”, mas que na narrativa pode se configurar uma tentativa de cura. Essa ideia circunda os conceitos de “poética do suicídio” e “toxidez da escrita” cunhados pela escritora e psicanalista. Conforme a autora, os textos de escritores que vieram a tirar a própria vida parecem ter dois vieses:

Seus textos parecem se construir sobre a dupla faceta da escrita: de um lado, uma escrita com fim, com finalidade, escrita de contenção (esta mais defensiva e distanciada), e, de outro lado, uma escrita sem fim,

sem finalidade, escrita de excesso (que não oferece nenhuma proteção), mostrando a maior e também a menor das distâncias das ligações efetuadas sob o regime da sublimação (CARVALHO, 2010, p. 519).

Toda a narração de *Minha mãe se matou sem dizer adeus* seria, nos termos de Carvalho, uma “escrita do excesso” detectada pelas muitas repetições. Teríamos então não uma salvação, mas uma morte pela escrita,

As indagações sobre a morte permeiam toda narrativa representada através do suicídio, da mãe do narrador, da mãe da amiga filósofa e nas divagações do próprio narrador que, a certa altura do seu texto, recebe em sua mesa a visita de Virginia Woolf escritora britânica acometida por crises depressivas e que se suicidou no rio Ouse, em 28 de março de 1941.

Às vezes invento amigas. Ano passado recebo durante seis meses seguidos a visita de Virginia Woolf neta mesma mesa- mirante. Não me lembro não sei se ela me contou como teve a ideia de colocar no bolso do casaco pesadas pedras antes de entrar de vez no rio. Quando penso em Virginia percebo que o vocábulo nem sempre é nossa âncora. (FERREIRA, 2014, p 18).

A atitude do personagem consiste no último passo de sua fuga do absurdo que se instalara ao seu redor. Percebemos que o sentimento melancólico de incompletude como termo mediador, se faz presente misturando abandono, saudade e solidão.

É bem verdade que a proposta de escrita do livro, que ele sabe que não será publicado, tende para ele antecipar a chegada da morte, no entanto, a inevitável das gentes, acaba por deixar mais difícil o finalizar sua obra. “Preciso eu mesmo colocar ponto final neste texto acionando incontinentemente a própria morte” (FERREIRA, 2010, p. 54)

Percebo que fica mais dificultoso o tamborilar dos pés sobre o piso de mármore: água agora sobe atingindo a cicatriz que trago a um palmo do calcanhar. Sei-sinto-pressinto que não conseguirei concluir este livro que a exemplo dos outros não completará a tríade (FERREIRA, 2014, p. 69).

Por mais que sua fala marque, até o ponto da exaustão, o poder que a escrita possui para mantê-lo vivo, ela também carrega, em um movimento simultâneo e paradoxal, a marca da falibilidade de sua linguagem na relação com a morte autoinfligida.

O poeta, que em uma mão carrega a pena, na outra levanta o punhal para o último golpe. A ferida aberta não estanca. O passo final para o abismo já ocorreu e assistimos o descrever da queda. (AMARAL, 2019, p. 199)

É esse fenômeno “o descrever da queda” que observamos em todo o romance de Evandro Affonso Ferreira caminho preparado e alimentado ao longo de toda a narrativa: “a vida é uma ferida que só cicatriza com a morte” (FERREIRA, 2010, p. 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando a ficção como instância criadora do entendimento do ser humano e de sua realidade, marcada pelo papel transgressor que lhe cabe: ultrapassar, modificar e desordenar as realidades que pensamos solidamente estabelecidas, procuramos estabelecer relações entre os temas da melancolia, morte e transgressão através da escrita literária no romance *Minha mãe se matou sem dizer Adeus*, de Evandro Affonso Ferreira, que traz como enredo, um velho que aguarda sua morte iminente, rememorando acontecimentos de sua vida e insiste na afirmação de que o ato da escrita é o que lhe impede de seguir os passos da mãe que cometeu suicídio.

A transgressão se mostra dentro da narrativa, como uma força de mudança da matéria literária através do aparecimento de novas estruturas. Marcado pela melancolia, o texto analisado, apresenta uma narrativa repleta de nuances de caráter psicológico, carregando em seu bojo, um personagem denso que desmascara sua trajetória, assumindo suas fraquezas e discutindo questões suscitadas pela presença da morte e a escrita como manutenção da vida.

Atravessada por ironia, pela fragmentação discursiva e por uma perspectiva egocêntrica o escritor melancólico, em forma de uma autocrítica que se estende até o passado, insiste em se comunicar, em comunicar suas falhas, a desmascarar-se, como se isso fosse uma forma de se punir por ser tão desprezível como crê.

As concepções apresentadas trazem reflexões sobre temas fraturantes que incomodam, desassossegam, tiram da nossa zona de conforto, provocam e conectam a literatura aos dilemas e questões sociais do mundo que habitamos como melancolia e morte.

No romance de Ferreira, há uma tematização de sentimentos como: pessimismo, deslocamento, saudade, solidão, niilismo, apresentados como sintomas profundos das experiências do protagonista escritor que perfazem, não apenas o seu perfil psicológico, mas também conformam grande parte de sua poética.

Por fim, destacamos a importância de trazer esses temas para a literatura repousando justamente nas possibilidades de quebrar tabus, refletir e questionar acerca de tudo o que envolve o homem.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Lara Luiza Oliveira. **Da redoma à figueira: Sylvia Plath e o abismo do eu**. 2019. 258f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Contexto, 2017.

CARVALHO, Ana Cecília. **A toxidez da escrita como um destino da sublimação em David Foster Wallace**. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 513-530, julho/setembro, 2010.

FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997

FREUD, Sigmund; **Luto e melancolia**. Tradução de Marilene Carone). São Paulo: Cosac Naify, 2011

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Trad. De Maria Helena Martins. 2.ed. São Paulo: Globo, 1998[1927].

KRYSINSKI, Wladimir. **Dialéticas da transgressão - O novo modernismo na literatura do século XX**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **As margens da ficção**. Trad. Fernando Scheibe. São Paulo: Ed. 34, 2021^a.

ROSA, João Guimarães. **A terceira margem do rio**. In: ROSA, João Guimarães. Ficção completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995

SILVA, Maurício. Morte e melancolia: Evandro Affonso Ferreira e a subjetivação das experiências cotidianas. **Itinerários**, Araraquara, n. especial, p. 71-88, 2017

SILVA, Ana Paula Rodrigues da. O jogo da escrita e a prisão de Narciso. In: OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de; PALO, Maria José. **Impasses do narrador e da narrativa na contemporaneidade**. Orgs. Maria Rosa Duarte de Oliveira, Maria José Palo. São Paulo: EDUC, 2021.

TOFALINI, Luzia Aparecida Berloffá. **Romance lírico**: o processo de 'liricização' do romance de Raul Brandão. Maringá: Eduem, 2013.

TORTELLO CAIUBY, Alita. **Como se livrar do trauma da existência**: o vazio, a morte e o limbo na trilogia de Evandro Affonso Ferreira. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2017.